

CONTO DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

SHORT STORY BY
JOAQUIM MANUEL DE MACEDO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS

Reitor / *Rector*
PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade
General Coordinator of the University
FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial / *Editorial Board*

Presidente / *President*
EDWIGES MARIA MORATO

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN
FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES – IARA BELELI – JOSÉ DARI KREIN
MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

CONTO DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

SHORT STORY BY
JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

PORTUGUÊS / INGLÊS
PORTUGUESE / ENGLISH

INTRODUÇÃO / *INTRODUCTION*
FREDERICO GARCIA FERNANDES



M151c Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882.

Conto de Joaquim Manuel de Macedo = Short Story by Joaquim Manuel de Macedo / Joaquim Manuel de Macedo ; introdução: Frederico Garcia Fernandes ; tradutor: John Ellis e Mariel Azoubel – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2026.

Edição bilingue: português e inglês.

1. Macedo, Joaquim Manuel de, 1820-1882. 2. Literatura brasileira. 3. Contos brasileiros. 4. Ficção brasileira. 5. Século XIX. I. Fernandes, Frederico Garcia, 1972- II. Ellis, John. III. Azoubel, Mariel Varjão. IV. Título.

CDD - B869.933

- B869.9

- B869.35

ISBN 978-85-268-1939-9

Copyright © Introdução / *Introduction* by Frederico Garcia Fernandes

Copyright © 2026 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste material são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

The opinions, hypotheses, conclusions, and recommendations expressed in this work are the sole responsibility of the authors and do not necessarily reflect the views of Unicamp Press.

Direitos reservados e protegidos pela Lei Brasileira nº 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

All rights reserved and protected under the Brazilian Law no. 9.610 of February 19th, 1998. Total or partial reproduction is prohibited without written authorization from the copyright holders.

Depósito legal na Biblioteca Nacional.

A catalogue record for this book is available from the National Library (Brazil).

Todos os direitos reservados / *All rights reserved*

Editora da Unicamp / *Unicamp Press*

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar

Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel.: (19) 3521-7718 / 7728

www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



SUMÁRIO

CONTENTS

Introdução / *Introduction* – Frederico Garcia
Fernandes

Macedo e a dialética escravagista8

Macedo and the Dialectic of Slavery 9

Simeão, o crioulo40

Simeão, the Creole41

INTRODUÇÃO

MACEDO E A DIALÉTICA ESCRAVAGISTA

Frederico Garcia Fernandes

“Simeão, o crioulo” é a primeira das três narrativas que compõem o livro *As vítimas-algozes: quadros da escravidão*. Trata-se de uma obra de aderência romântica, mas que apresenta traços embrionários da escola naturalista, na medida em que se estrutura a partir de uma tese que visa a explicar a violência do escravizado como produto do sistema escravagista. Publicada em 1869, ela alfineta a sociedade da época com um tema, no mínimo, incômodo para a elite agrária brasileira, o sistema econômico de base escravocrata.

O contexto em que surge a obra foi permeado por várias tensões políticas que marcaram o II Reinado e que *mutatis mutandis* ainda, assustadoramente, parecem estar arraigadas no Brasil contemporâneo.¹ Na década de 1860, colocava-se uma questão crucial para a nação brasileira, que se via provocada a responder ao debate moral sobre a escravidão. Havia, por um lado, o argumento de que o fim da escravidão corresponderia à ruína econômica do país, que se encontrava despreparado para a mudança. Por outro lado, intelectuais orgânicos, como é o caso do autor desse livro, e a aristocracia partilhavam da ideia de que a permanência de um sistema escravagista seria

INTRODUCTION

MACEDO AND THE DIALECTIC OF SLAVERY

Frederico Garcia Fernandes

“Simeão, the Creole” is the first of three narratives contained in the book *The Victim-Executioners: Scenes of Slavery*. Although marked by Romantic sensibility, it already shows inklings of naturalism insofar as it is structured around the thesis that the violence of the enslaved is the product of the institution of slavery itself. First published in 1869, the text jabs at contemporary society by addressing a theme that, at the very least, unsettled Brazil’s agrarian elite: the slave-based economic system.

The work emerged in the context of the political tensions of the Second Empire and, *mutatis mutandis*, it still seems confoundingly rooted in contemporary Brazil.¹ In the 1860s, the Brazilian nation debated a crucial question concerning the morality of slavery. On the one hand, there was the argument that the end of slavery would spell the economic ruin of a country that was unprepared for such a change. On the other hand, organic intellectuals, such as the author of this book, and the aristocracy believed that clinging to the slave-based system would plunge the country into revolt.

responsável por mergulhar o país em revoltas. A emergente nação brasileira não digeriria facilmente o caráter antitético da escravidão, que, calcada em práticas desumanizadoras e violentas, encontrava-se em rota de colisão com os princípios liberais civilizatórios europeus, nos quais o país buscava se espelhar. É nesse ponto que *As vítimas-algozes* posiciona sua artilharia ideológica, baseada no argumento de que o modo de produção escravagista destrói vidas, ao transformar o escravizado em um ser imoral e violento, e é responsável pela deterioração da família, das instituições e dos símbolos religiosos.

O narrador em terceira pessoa apresenta ao leitor as imperfeições morais produzidas pela escravidão. Médico de formação e intelectual orgânico, Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) escreveu “Simeão, o crioulo” quando o debate abolicionista começava a ganhar densidade pública, ainda que a escravidão permanesse como uma engrenagem central da economia e da vida social do Império. A história de Simeão nasce no olho do furacão histórico: entre a naturalização da violência e o surgimento de uma consciência crítica que já não conseguia ignorá-la. A estratégia narrativa de Macedo é peculiar: em vez de apresentar o escravizado apenas como vítima passiva, ele constrói personagens que, movidos pela inconformidade com sua condição servil, tornam-se agentes do mal. Daí o título paradoxal: as vítimas transformam-se em algozes.

Cada uma das três histórias de *As vítimas-algozes* funciona como uma lâmina distinta, cortando o mesmo corpo social por ângulos variados. Elas se qualificam como textos em prosa, de extensão intermediária, centralizados num acontecimento e, por isso, propícios

The emerging Brazilian nation struggled to accept the antithetical nature of slavery, which, rooted in dehumanizing and violent practices, was on a collision course with the European liberal civilizing principles the country sought to emulate. This is precisely the crux of the ideological artillery of *The Victim-Executioners*: the claim that the slave-based mode of production destroys lives by transforming the enslaved into immoral and violent beings and that it is also responsible for the deterioration of the family, institutions, and religious symbols.

The third-person narrator presents the reader with the moral flaws brought about by slavery. Joaquim Manuel de Macedo (1820 – 1882), a trained physician and organic intellectual, wrote “Simeão, the Creole” when the abolitionist debate began to gain public traction, even though slavery remained a key cog in the economy and social life of the Empire. The story of Simeão emerges in the eye of a historical storm: caught between the naturalization of violence and the emergence of a critical consciousness that could no longer ignore it. Macedo’s narrative strategy is unique: instead of portraying the enslaved as mere passive victims, he creates characters who, driven by their refusal to accept their servile condition, become agents of evil. Hence the paradoxical title: victim-executioners.

Each of the three stories in *The Victim-Executioners* works as a distinct blade, dissecting the same social body at different angles. They are classified as prose texts of moderate length, structured around a single event, and thus are prone to sketching the state of the

a esboçar estados de sentimentos dos personagens. Apesar de o subtítulo do livro apresentar as histórias como romances, elas se encontram no limiar do que poderia ser classificado como “novela”. Há, entre as três narrativas, um vínculo temático – pessoas escravizadas que se vingam de seus senhores –, sem haver, no entanto, uma continuidade dos enredos.

A fabulação dos “romances” curtos não se prende às tensões e aos conflitos psicológicos, o que faz com que os personagens sejam marcados pela previsibilidade de suas ações. Como seu caráter é fundamentado na maldade ou na benevolência, os personagens reagem, conforme sua índole, às violências e aos desafetos dos quais são vítimas. A construção de figuras nesses moldes não constitui demérito para a obra; muito pelo contrário, o caráter binário – bem *vs.* mal – funcionava para engajar leitores, já que geralmente os romances oitocentistas eram publicados de forma seriada e fragmentada, em jornais e revistas da época. Isso permitia que o público criasse uma identificação com alguns deles, o que promovia uma educação sentimental e, como consequência, tornava a narrativa, o personagem e, por tabela, o autor populares.

Da perspectiva do estilo, a escrita de Macedo explorou a semântica binária (bem *vs.* mal) por meio de adjetivos e apostos. Os comentários de Raquel Teixeira Valença, na edição comemorativa do Centenário da Abolição, asseveram que “salta aos olhos até mesmo do leitor mais desatento a abundância de palavras de carga semântica negativa para caracterizar o escravizado, em contraste com nomes de carga positiva usados na descrição dos senhores”.² A escolha por defender o fim da escravidão sem resguardar o escravizado é reflexo

characters' sentiments. In spite of the book's subtitle, which introduces the short stories as novels, they are on the threshold of what can be classified as a "novella." A thematic thread runs through all three narratives – enslaved people seeking revenge on their masters – without, however, any continuity among their plots.

The plots of the short "novels" do not hinge on tension and psychological conflict; the characters are thus defined by the predictability of their actions. Since their nature is either good or evil, the characters respond to the violence and ordeals they endure according to their temperament. The construction of the figures in these molds does not constitute a demerit for the work; quite the contrary, the binary nature – good vs. evil – served to engage readers, since nineteenth-century novels were generally published in fragmented series in newspapers and magazines. This allowed the public to identify with some of the characters, fostering a sentimental education and, consequently, making the narrative, the characters, and, by extension, the author, popular.

Stylistically, Macedo's writing explores the binary semantics of good and evil through adjectives and appositives. Raquel Teixeira Valença's comments in the Centenary of Abolition commemorative edition state that "even the most inattentive reader cannot help but notice the abundance of negative semantic connotations in the words describing the enslaved, in contrast to the positively charged terms used to describe slave-owners."² The choice to advocate for the end of slavery without safeguarding the enslaved

do público para o qual a obra se dirigia, constituído pela elite branca rural e pela incipiente burguesia urbana da corte.

Macedo, desde seu romance de estreia, em 1844, apresentava uma consciência social pautada em ideais liberais. Seu discurso antiescravagista começou a ser engendrado ainda em sua tese para obtenção do grau de médico, *Considerações sobre a nostalgia*, defendida no mesmo ano em que publicou *A moreninha*. Antonio Candido observa que, no Brasil, até o início do século XIX, a estratificação social era simples e rígida.³ A classe dominante, com seus padrões homogêneos e posição superior em relação aos escravizados e aos pobres, não se confrontava com uma diversidade de incertezas ou escolhas morais. A ficção romântica agiu, dessa maneira, de modo a tornar a ideologia da sociedade brasileira um pouco mais maleável, o que fez da literatura tanto um produto da incipiente indústria do entretenimento quanto provocadora do debate moral e ético, cumprindo, assim, sua função social.

Publicado 19 anos antes da promulgação da Lei Áurea – que decretou o fim da escravidão no Brasil e é considerada uma das mais fortes causas para a queda do Império e a instalação da República –, “Simeão, o crioulo” é partícipe do movimento intelectual que buscava sensibilizar a elite letrada para a urgência da abolição. Coincidentemente, o movimento abolicionista no Brasil teve início, segundo Angela Alonso, na década de 1860, a mesma em que foi publicada *As vítimas-algozes*.⁴ Seguindo a linha de raciocínio da autora de *Flores, votos e balas*, o movimento abolicionista no Brasil não pode ser entendido como um “coletivo orgânico”, pois nele se inserem posições

reflects the work's intended audience: the rural white elite and the fledgling urban bourgeoisie of the court.

From his 1844 debut novel onward, Macedo's fiction displays a social conscience rooted in liberal ideals. His anti-slavery stance began to take shape as early as his medical thesis, "Considerations on Nostalgia," which he defended in the same year as *A moreninha* (The Little Brunette) was published. Antonio Candido notes that until the early nineteenth century, social stratification in Brazil was simple and rigid.³ The ruling class, with its homogeneous standards and superior position vis-à-vis the enslaved and the poor, did not confront a diversity of uncertainties or moral choices. Romantic fiction thus helped make Brazilian society's ideology slightly more malleable, turning literature into both a product of the nascent entertainment industry and a catalyst for moral and ethical debate, thereby fulfilling its social function.

Published 19 years prior to the enactment of the Golden Law, which ended slavery in Brazil and is considered a key reason for the fall of the Empire and the establishment of the Republic, "Simeão, the Creole" is part of the intellectual movement that sought to raise awareness among the educated elite about the urgency of abolition. Coincidentally, according to Angela Alonso, the abolitionist movement in Brazil began in the 1860s, the very decade that *The Victim-Executioners* was published.⁴ Following Alonso's line of reasoning in *Flores, Votos e Balas*, the abolitionist movement in Brazil cannot be understood as an "organic collective" since it encompasses diverse

e crenças de diferentes ordens e militantes de variadas classes sociais. André Rebouças (1838-1898), Joaquim Nabuco (1849-1910) e José do Patrocínio (1854-1905) são, certamente, os nomes mais representativos e lembrados na história brasileira, devido, principalmente, aos posicionamentos aguerridos do último biênio de lutas (1886-1888).

As ideias abolicionistas de Macedo, por sua vez, encontram-se numa fase mais primeva, chamada por Alonso de “abolicionismo de elite”, pois ele era repercutido entre viscondes, barões, ocupantes de postos públicos e outras pessoas com acesso a partidos políticos.⁵ Trata-se de uma fase abolicionista de discurso brando e de argumentos pacificadores, que apostava no convencimento da elite acerca dos prejuízos econômicos e morais advindos da escravidão. Havia, nesse discurso de fundo emancipatório, traços paradoxais, pois, mesmo vendo na sua causa um senso humanitário e alertando para a necessidade de cuidados com a saúde e a higiene do escravizado, os abolicionistas não superavam a ideologia reificante que via essas pessoas como um bem e uma máquina de trabalho. Por tal razão, também defendiam a abolição com indenização para os proprietários.

No Brasil, as pressões internacionais de ordem econômica foram um agente importante da causa abolicionista. Havia um desequilíbrio no custo final da produção entre os países que já tinham abolido a escravidão e se valiam de uma mão de obra assalariada em relação aos que se utilizavam de pessoas escravizadas. Apesar de a escravidão ter sido um regime que atravessou boa parte do século XX – presente até 1981 na Mauritânia –, o Brasil foi o último país das Américas a decretar a abolição. A República

groups of activists and political positions and beliefs across a wide spectrum of social classes. André Rebouças (1838 – 1898), Joaquim Nabuco (1849 – 1910), and José do Patrocínio (1854 – 1905) are undoubtedly the most prominent figures in Brazilian abolitionist history, primarily due to their staunch positions during the final two years of the struggle (1886 – 1888).

Macedo's abolitionist ideas belonged to an earlier phase of the movement that Alonso terms "elite abolitionism," as they resonated with viscounts, barons, public officials, and others with influence in party politics.⁵ This phase of abolitionism was marked by conciliatory rhetoric and pacifying arguments aimed at persuading the elite of slavery's economic costs and moral harms. However, this ostensibly emancipatory discourse was not without paradoxes, as these abolitionists simultaneously recognized the humanitarian dimension and the need to provide care and hygiene for the enslaved, while also advocating compensation for slave owners. Consequently, they argued for an abolitionist model that included financial indemnities for slave owners.

In Brazil, international economic pressure played a decisive role in the abolitionist movement. Countries that had already abolished slavery and paid wages for labor faced higher production costs than those still relying on enslaved workers, creating an imbalance. Although slavery persisted as a system well into the twentieth century – remaining legal in Mauritania until 1981 – Brazil was the last country in the Americas to abolish it. The Dominican Republic

Dominicana o fez em 1822, as colônias britânicas em 1833, as francesas em 1848 e os EUA em 1863. Em 1826, o governo brasileiro firmou um acordo com a Grã-Bretanha para findar o tráfico negreiro. Após uma complexa negociação parlamentar, em 1831 foi promulgada a Lei Feijó, ratificando o acordo. Essa lei cria o dito popular “para inglês ver”, utilizado para se referir a algo feito apenas para atender às aparências, porém sem efeito prático, marca do *modus operandi* do parlamento brasileiro. Em 1850, a Lei Eusébio de Queirós proibiu o tráfico, sob forte pressão inglesa, mas criou, efetivamente, um sistema clandestino. A toponímia do litoral brasileiro, de norte a sul, reflete as marcas dessa ilegalidade. Lugarejos como Porto de Galinhas, em Pernambuco, ou a Ilha das Peças, no Paraná, por exemplo, foram assim denominados porque ali os escravizados eram anunciados, de modo velado, para compradores que fingiam aguardar o desembarque de “galinhas” ou “peças”.

O país conviveu com 300 anos de escravidão em sua história, e o processo abolicionista foi gradual e demasiado lento, negociado politicamente entre a elite ruralista e os interesses estrangeiros voltados a acordos comerciais. Como marcos desse processo, cabe mencionar a Lei do Ventre Livre, de 1871, que libertou os filhos de escravizadas nascidos a partir da sua promulgação; a Lei dos Sexagenários, de 1885, que alforriou escravizados com mais de 60 anos, com reparação para seus proprietários; até culminar na Lei Áurea, que libertou, estima-se, até 700 mil pessoas, as quais morreram sem ser contempladas com reparação financeira pelos governos. Um dos reflexos disso são os problemas de concentração de

abolished it in 1822, followed by the British colonies in 1833, the French in 1848, and the United States in 1863. In 1826, the Brazilian government signed an agreement with Great Britain to end the slave trade. After complex parliamentary negotiations, the Feijó Law was enacted in 1831 to ratify the agreement. The law gave rise to the popular Brazilian expression *para inglês ver* (for the English to see), used to describe something that is merely for show without any practical effect – a signature of the Brazilian legislature's *modus operandi*. In response to significant British pressure, the Eusébio de Queirós Law banned the slave trade in 1850, though it effectively drove the system underground instead. Toponyms along Brazil's coastline still echo the history of this clandestine system: places like Porto de Galinhas, in the state of Pernambuco, or Ilha das Peças, in Paraná, for instance, were named after the coded marketing of enslaved people to buyers who pretended to await shipments of “*galinhas*” (chickens) or “*peças*” (pieces).

Brazil lived under the institution of slavery for three centuries, and its abolition was a gradual and far too slow, politically negotiated process shaped by the conflicts between the rural elite and foreign interests focused on trade agreements. Among the key milestones of this long struggle were the Free Womb Law, of 1871, which freed the children of enslaved women born after its enactment; the Sexagenarian Law, of 1885, which granted freedom to enslaved people over 60, with compensation paid to their owners; and finally the Golden Law, which freed an estimated 700,000 people – none of whom ever received financial reparations from the governments. One of the consequences of this history

renda com os quais a sociedade brasileira convive. Segundo dados de 2024 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais da metade da população que vive na pobreza é constituída de negros.⁶ Alguns programas como o Bolsa Família e as políticas de cotas para afrodescendentes nas universidades e em concursos públicos começaram a ser instituídos mais de cem anos após a Lei Áurea. Tais iniciativas são responsáveis pela inclusão de pessoas negras, mas ainda são incipientes e, muitas vezes, negociadas com a elite econômica do país. Como pensar a importância de “Simeão, o crioulo” diante desse cenário social?

Tendo como destinatários leitores brancos da segunda metade do século XIX, esse pequeno “romance” aborda a escravidão a partir do seu cotidiano de violência e de incompreensão da diversidade – entendendo o regime como corrosivo, algo que destrói tanto quem domina quanto quem é dominado. Macedo pinta um quadro social da época – com informações sobre a cultura e o cotidiano das senzalas – a partir da ótica da moral cristã e liberal de seu tempo. O autor não escreveu cenas para consolar o leitor, mas para inquietá-lo. Como poderá ser observado nas páginas adiante, a narrativa de Simeão foi marcada pelo tom moralizante típico do século XIX e funcionou como um sermão laico, no qual a literatura assume o papel do tribunal. Nem a sociedade foi poupada, ao ser apresentada como um organismo doente que produz violência em cadeia.

A história de Simeão encontra-se atrelada a outras duas que a complementam. A segunda narrativa de *As vítimas-algozes* é sobre “Pai-Raiol, o feiticeiro”,